

ORIENTAÇÕES PARA A PREVENÇÃO DA VIOLENCIA DE GÊNERO NA UFAL



Magna Suzana Alexandre Moreira
Nayara Alexandra Rodrigues da Silva

Iraílde Pereira Assunção
Walter Matias de Lima

Aline Cavalcanti de Queiroz
Andressa Letícia Lopes da Silva



**Catalogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 - 1767

O69 Orientações para a prevenção da violência de gênero na UFAL
[recurso eletrônico] / Magna Suzana Alexandre Moreira ... [et al.].
– Maceió, AL: Universidade Federal de Alagoas, Pró-reitoria de
Pesquisa e Pós-graduação, 2025.
[17] p. : il.

E-book.
Inclui bibliografia.

1. Universidade Federal de Alagoas. Pró-reitoria de Pesquisa e
Pós-graduação. 2. Violência de gênero. I. Moreira, Magna Suzana
Alexandre.

CDU: 378.12



Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-Reitor

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Iraílde Pereira Assunção

Coordenadora de Pesquisa

Magna Suzana Alexandre Moreira

Coordenador de Pós-Graduação

Walter Matias de Lima

Autores



Professora Dra Magna Suzana Alexandre Moreira

Professora Titular do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da UFAL. Coordenadora geral de Pesquisa CPQ/PROPEP/UFAL.



Professora Dra Iraildes Pereira Assunção

Professora Titular do Centro de Educação. Pro-reitora de Pesquisa e Pós-graduação. PROPEP/UFAL.



Professor Dr Walter Matias Lima

Professor Titular do Centro de Educação. Coordenador geral de Pós-Graduação CPG/PROPEP/UFAL.



MSc Nayara Alexandra Rodrigues da Silva

Enfermeira, Mestre em Enfermagem PPGENF/UFAL, doutoranda do Programa de Pós Graduação de Ciências da Saúde.



Dra. Andressa Letícia Lopes da Silva

Enfermeira, Doutora pela Rede Nordeste de Biotecnologia da UFAL, Pós Doutora-ICF-UFAL.



Professora Dra Aline Cavalcanti de Queiroz

Professora Adjunto do Campus de Engenharia e Ciências Agrárias. Assessora da Coordenação de Pesquisa CPQ/PROPEP/UFAL

Colaborador

(Diagramação)



MSc Márcio Thomaz dos Santos Varjão

Biomédico, Mestre em Ciências médicas pela Famed-UFAL, doutorando do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde-UFAL.

AGRADECIMENTOS:





Apresentação

Caros estudantes, professores/as, técnicos/as e prestadores/as de serviço da UFAL, desde do início da vida em sociedade convivemos com a diferenciação dos papéis sociais, baseados no recorte de gênero, no entanto com a modernização das civilizações, identidades masculinas se colocaram em lugar de superioridade às identidades femininas, provocando desigualdades e consequentemente expressões de violências. Esse material foi baseado em cartilhas e informes circulantes em outros espaços acadêmicos e de trabalho de todo Brasil que poderão ser consultado/as nas referências ao final do texto.

Compartilhe esse material no seu instituto, grupo de pesquisa, núcleo, salas de aula e rodas de amigos e principalmente, reflitam suas ações cotidianas e apliquem as informações aqui presentes na sua prática acadêmica e profissional!

@ <https://www.instagram.com/ufaloficial>

🔍 <https://www.ufal.edu.br>



Diante dos alarmantes indicadores de violações dos direitos de mulheres cisgênero e trans, pessoas LGBTQI+ e outras identidades vulnerabilizadas em diversas situações, torna-se imprescindível a elaboração deste material com o intuito de compartilhar, de maneira prática, conceitos e informações sobre a prevenção e enfrentamento da violência de gênero no contexto universitário. É fundamental reforçar a responsabilidade da UFAL em contribuir para a formação de profissionais éticos e comprometidos com o combate a qualquer forma de violência e infração de direitos. A universidade, enquanto espaço de produção de conhecimento e formação de cidadãos e cidadãs, deve assumir um papel ativo na promoção de ambientes seguros e inclusivos, onde a diversidade seja respeitada e protegida. Este material visa, assim, fomentar a reflexão e a ação no sentido de construir uma comunidade acadêmica mais justa, igualitária e livre de violência de gênero.

Lembramos, este material não se destina exclusivamente às mulheres, mas sim a todos aqueles e a todas aquelas que fazem parte da construção da universidade e da sociedade. Todas e todos têm a responsabilidade de enfrentar as desigualdades sociais e as opressões. Este guia informativo busca promover a conscientização e a ação de forma coletiva, visando à construção de um ambiente mais igualitário e justo para todos. A participação ativa de cada indivíduo na luta contra as iniquidades é fundamental para a transformação da realidade em que vivemos. É importante reconhecer que a responsabilidade pelo enfrentamento das opressões é de todas e todos, e juntos podemos construir uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Termos essenciais

Para começar, seguem alguns termos que podem nos ajudar a entender situações diárias na universidade.

Cisgênero

é usado para definir pessoas que se identificam com o gênero que é designado quando nasceram, o qual é associado socialmente ao sexo biológico

Feminismo

é um movimento que luta pela igualdade social e de direitos para as mulheres e busca combater o modelo social baseado no patriarcado e os abusos e a violência contra as mulheres.

Homofobia

é o termo utilizado para designar uma espécie de medo irracional diante da homossexualidade ou da pessoa homossexual, colocando este em posição de inferioridade e utilizando-se, muitas vezes, para isso, de violência física e/ou verbal.

LGBTQIfobia ou LGBTQI+Fobia

são os termos denominados a pessoas que possuem atitudes e sentimentos negativos, discriminatórios ou preconceituosos em relação às pessoas que não se identificam dentro do perfil social padrão, mais precisamente no que diz respeito à sexualidade, gênero ou corpos.

Lesbofobia

é a intersecção entre a homofobia e o sexism contra mulheres lésbicas. Inclui várias formas de negatividade em relação às mulheres lésbicas como indivíduos ou grupo social, ou os relacionamentos lésbicos

Machismo

é uma forma de superioridade do gênero masculino (em relação) ao gênero feminino. Ser machista é ter atitudes e comportamentos considerados ofensivos às mulheres.

Misoginia

é uma forma de superioridade do gênero masculino (em relação) ao gênero feminino. Ser machista é ter atitudes e comportamentos considerados ofensivos às mulheres.

Patriarcado

conceito usado na literatura feminista internacional para significar as relações de poder entre homens e mulheres. Nessa definição, mulheres são subordinadas aos homens no sistema patriarcal.

Termos essenciais

Pessoa Transgênero/a

são pessoas cuja identidade de gênero difere do típico do seu sexo, atribuído ao nascer. Transgênero também é um termo abrangente: além de incluir pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo atribuído, podendo incluir pessoas não-binárias quanto ao gênero.

Racismo

é o preconceito contra pessoas a partir do seu tom de pele e traços físicos que remetem a uma raça que é marginalizada, ou seja, vista como inferior e desvalorizada.

Racismo religioso

É um conjunto de ideias e práticas violentas que expressam a discriminação e o ódio por determinadas religiões e seus adeptos, assim como por territórios sagrados, tradições e culturas

Racismo institucional

é qualquer sistema de desigualdade que se baseia em raça que pode ocorrer em instituições como órgãos públicos governamentais, corporações empresariais privadas e universidades.

Sexismo

ou discriminação de gênero é o preconceito ou discriminação baseada no gênero ou sexo de uma pessoa. O sexismo pode afetar qualquer gênero, mas é particularmente documentado como afetando mulheres e meninas

Travesti

é uma pessoa que foi designada homem no seu nascimento, mas se expressa e vivencia uma identidade feminina. Durante muito tempo, o termo era considerado pejorativo ou associado à prostituição. Contudo, atualmente o conceito vem sendo ressignificado e passou a ter mais peso político, e reafirmado pelas próprias mulheres travestis.

Interseccionalidade

Interseccionalidade é um conceito sociológico que descreve a interação entre fatores sociais que definem a identidade de uma pessoa e como isso afeta a sua relação com a sociedade: Gênero, Etnia, Raça, Localização geográfica, Idade, Classe social, Capacidade física.

A interseccionalidade mostra que esses fatores não afetam uma pessoa separadamente, mas se combinam de diferentes formas, gerando desigualdades ou vantagens

Como entender os tipos de violência de gênero?

DIREITOS LEGAIS

■ No Brasil temos um marco legal muito importante, que norteia as ações de enfrentamento à violência contra as mulheres: A Lei 11.340/2006 - A lei Maria da Penha, que recebe esse nome em homenagem a mulher que lutou por justiça por anos para punir seu agressor, então seu marido. Vale lembrar que a lei se aplica em casos de violência contra todas as identidades de gênero e sexualidade femininas, desde mulheres cisgênero, travestis, mulheres trans, lésbicas, bissexuais e etc.

A homofobia

■ Sobre a violência contra pessoas LGBTQIA+, A homofobia é crime no Brasil desde 2019, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu enquadrá-la como crime de racismo, possibilitando penas de multa e prisão, bem como qualificação dos atos de violência com esse teor. Em 2023 o STF determinou que atos de homofobia e transfobia contra indivíduos sejam punidos como injúria racial.

■ A seguir, seguem os tipos de violência de gênero que ocorrem na sociedade e que infelizmente ocorrem na UFAL e precisam ser combatidas.

De acordo com a Lei Maria da Penha, têm-se:



Violência Física:

Entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal, tais como: tapas, socos, empurrões, arremesso de objetos ou qualquer conduta que ofenda a integridade e saúde corporal da mulher. Em caso de morte por agressões motivadas pelo simples fato de ser mulher, utiliza-se o termo feminicídio.



Violência psicológica:

Entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;



Violência sexual:

Entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

Violência Patrimonial:

Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;



Violência Virtual/ Cyberbullying e Stalking:

Ocorre quando se utilizam os ambientes virtuais para importunar, intimidar, perseguir, ofender ou chantagear alguém ou determinado conjunto de indivíduos, tais como: Pornografia de vingança: consiste na divulgação, por meio de sites e redes sociais, de vídeos ou fotos com cenas íntimas, relação sexual ou nudez sem o consentimento da mulher. O agressor também pode utilizar chantagem emocional ou financeira. Persegução on-line (stalking): o agressor persegue virtualmente sua vítima de forma incansável, invadindo sua privacidade, com envio de mensagens indesejadas, exposição de fatos e boatos nas redes sociais.



Violência Moral:

Violência moral é qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. Pode ser caracterizada por xingamentos, atribuição de fatos falsos, rebaixamento da pessoa, tentativa de manchar a sua reputação, exposição da vida íntima, divulgação de fotos íntimas nas redes sociais, entre outros.



E quando as violências não são explícitas?

Estamos falando das violências de discursos, que apesar de não serem diretas e as vezes não tão facilmente identificadas, refletem o caráter misógino e manifestações patriarcais. Sobretudo em contextos institucionais como em salas de aula, reuniões de trabalho e pesquisa, apresentações de ideias e discussões, tendem a serem expressadas pelas identidades que se consideram dominantes daquele discurso, que geralmente são masculinas em relação às femininas, têm-se:

○ **"sabe de tudo"** ou **mansplaining**: Característica de homens em "explicar" algo a uma mulher, ou grupo de mulheres, pressupondo que ela/s não é capaz de compreender tal assunto ou discussão, desmerecendo-a em público em espaços coletivos ou até mesmo nas relações privadas.

○ **"intrometido"** ou **manterrupting**: Costume de homens em interromper consecutivamente a fala de mulheres, a fim de expressar sua opinião e impedir que ela conclua sua ideia ou explanação.

○ **"ladrão de ideias"** ou **bropropriating**: Termo oriundo da junção da palavra em inglês brother (irmão) + appropriating (apropriação) e se refere a utilização, divulgação e posterior valorização por homens, de ideias e projetos criados por mulheres, mas sem atribuir a elas o crédito merecido, situação comum no espaço acadêmico e do trabalho, onde por vezes ideias oriundas de sujeitos femininos tendem a não receber a mesma confiança que as expressadas pelos colegas do gênero oposto. Se faz muito presente também em relações marcadas pela hierarquia no trabalho, por exemplo entre professor e orientandas, coordenadores e demais professoras etc.



O “**manipulador**” ou gaslighting - Deriva de uma obra de teatro onde o homem usa de sua narrativa para confundir e enlouquecer uma mulher. Na prática da academia e trabalho, se apresenta na distorção e manipulação de situações para desqualificar a fala e principalmente, episódios de assédios e outras violências vivenciados por mulheres, fragilizando a credibilidade e veracidade de suas narrativas quando elas decidem denunciar ou usar algum canal para reportar o episódio ocorrido.

E na UFAL acontecem violência de gênero ?

A resposta é, infelizmente, **SIM!** As universidades são recortes da vida em sociedade, e onde as relações de poder entre gêneros, classe, raça e diversidade sexual se manifestam cotidianamente, desde as relações entre estudantes - estudantes, professores - estudantes, professores - técnicos até cargos de chefia - demais servidores e professores. Por isso precisamos identificar no nosso dia a dia, e combater atitudes como as mencionadas acima, das mais explícitas até as mais sutis.

Como e a quem pedir ajuda?

Se por acaso você que está lendo essa cartilha já vivenciou ou presenciou alguma dessas situações, saiba que há locais seguros e redes de cuidado que você pode buscar, seja para você mulher, ser acolhida ou você homem encaminhar e orientar colegas de turma e de trabalho nesses casos.

Mulheres, dentro do espaço universitário sempre deve-se reportar situações de violência aos professores/as de sua confiança, coordenadores de seus cursos e/ou gestores de suas unidades acadêmicas, busquem amigos/as que possam lhe acolher diante dessa situação e lhe ajudar a pensar formas de expressar seu desconforto. Muitas vezes por pressão social, vergonha, culpabilização, receio por retaliações entre outras coisas é difícil denunciar situações vivenciadas. O faça quando se sentir segura para tal e busque redes de apoio confiáveis.

No entanto, às vezes, as violências ultrapassam o campo do discurso, se expressando por assédios morais e sexuais e psicológicos, cabendo intervenções e medidas legais para punição dos agressores envolvidos. A seguir, alguns contatos cidade de referência e acolhimento para as pessoas em situação de violência, que podem te ajudar ou alguém próximo ao seu convívio.





**Delegacia Especial dos Crimes
contra Vulneráveis**

Av. Comendador Gustavo Paiva.

Maceió/AL
(82) 3315-8272

**Secretaria de Estado da Mulher, da
Cidadania e dos Direitos Humanos**

**Rua Cincinato Pinto, nº 503, 2º
andar, Centro, CEP: 57.020-050**

Maceió/AL
(82) 3315-1791/ 3315-1792

**Delegacia Especializada de Defesa
dos Direitos da Mulher - DEDDM -**

Arapiraca/AL
(82) 3521-6318

**Delegacia Especializada de Defesa
dos Direitos da Mulher - DEDDM II**

Maceió/AL
(82) 3315-4327

Ouvidoria da UFAL

(82) 3214-1908, 3214-1415
<https://ufal.br/ouvidoria>

**Defensoria Pública de Alagoas:
Rua Rita de Cássia, nº 159, bairro
Gruta de Lourdes,**

Maceió - AL
(82) 3315-2785
Email: atendimentodpe@al.def.br

**Superintendência de Políticas
para os Direitos Humanos**
**Rua Joaquim Nabuco,
nº 178, Farol, CEP 57051-410,**

Maceió/AL
(82) 3315-1792

Este material foi criado com o objetivo de conscientizar e oferecer ferramentas para a construção de um ambiente universitário mais seguro e equitativo para todos. Ao longo desta cartilha, abordamos temas cruciais sobre violência de gênero, orientando sobre como identificar, prevenir e combater essas situações em nosso cotidiano.

A luta por uma universidade livre de violência de gênero é um esforço contínuo e coletivo. Cada um de nós, sejam estudantes, professores/as, técnicos/as ou prestadores/as de serviço, tem um papel fundamental nessa jornada. Ao colocarmos em prática as orientações aqui apresentadas, estamos contribuindoativamente para a transformação de nossa instituição em um espaço de respeito mútuo e igualdade.

Esperamos que este guia sirva como um ponto de partida para reflexões e ações. Juntos, podemos edificar uma UFAL onde a convivência se baseie na solidariedade e no respeito pela diversidade, garantindo que todas as identidades tenham seu lugar e voz, livres de qualquer forma de violência.

REFERÊNCIAS

- **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006;**
- **Lei nº 13.827, de 28 de maio de 2019;**
- **Cartilha de enfrentamento à violências contra as mulheres nas Universidades. UNE 2017.** em: <https://www.une.org.br/wp-content/uploads/2023/09/Cartilha-de-Enfrentamento-a-Violencia-Contra-as-Mulheres-na-Universidade.pdf>
- **Cartilha Violência de Gênero na Universidade. USP 2019**
Em:<https://uspmulheres.usp.br//wpcontent/uploads/sites/145/2017/05/cartilha-violencia-de-genero-na-universidade-para-ler-no-computador.pdf>
- **Violências de gênero nas universidades: prevenção e enfrentamento / organização Neiva Furlin, Marile Eliane Graupe. – Joaçaba: Editora Unoesc, 2024.**